



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

HÉLDER FERREIRA ISAYAMA

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-608

Entrevistado: Hélder Ferreira Isayama

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Ministério do Esporte (Brasília)

Entrevistadoras: Christiane Garcia Macedo e Luiza Aguiar dos Anjos

Data da entrevista: 22/10/2015

Transcrição: Fúlvio Botelho Dickel

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 12 minutos e 22 segundos

Páginas Digitadas: 21

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação acadêmica. Ações desenvolvidas como coordenador geral do Programa Esporte e Lazer da Cidade e Vida Saudável; Projetos ligados ao Ministério do Esporte; Programas de formação de tutores, presenciais e à distância; Parcerias com as Universidades Federal de Minas Gerais e a do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 22 de outubro de 2015. Entrevista com Hélder Ferreira Isayama a cargo das pesquisadoras Christiane Garcia Macedo e Luiza dos Anjos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Primeiro, muito obrigado pelo seu tempo e por compartilhar com a gente estas memórias. Gostaríamos que você começasse falando sobre a sua formação.

H.I. – Sou formado na graduação em Educação Física pela UNESP¹ de Rio Claro, me formei em 1994. Já na época de graduação eu tive bolsa de iniciação científica desde o quarto período e trabalhava com a área de aprendizagem motora, aprendizagem e desenvolvimento, comportamento motor de uma maneira geral. Ao mesmo tempo, também trabalhava com práticas de recreação e lazer em clubes, acampamentos, hotéis, colônia de férias, enfim, uma diversidade de espaços que desenvolviam práticas de lazer e recreação. E logo que eu terminei a graduação eu fiz a prova para o mestrado na UNICAMP², fui selecionado, fiz o mestrado em Educação Física. No mestrado trabalhei na área da educação motora e a minha dissertação era sobre desenvolvimento motor e tentando discutir alguma coisa relacionada com a questão dos movimentos básicos na escola, enfim, algo relacionado a essas questões. Assim que eu finalizei o mestrado fiz o concurso na UFMG³, fui aprovado e logo fiz a seleção para o doutorado em Educação Física, mas a área de concentração era estudos do lazer e aí estudei a formação profissional em Educação Física, especificamente as relações que esta formação estabelecia com o campo do lazer, no contexto das disciplinas de recreação e lazer dos cursos de Educação Física. Então terminei o doutorado em 2002. Há uns quatro anos eu saí para fazer o estágio de pós-doutorado, eu trabalhei na UFRJ⁴ na Faculdade de Educação, no programa de pós-graduação em Educação e lá eu trabalhei com o professor Antonio Jorge Gonçalves Soares, então minha formação acadêmica universitária foi basicamente isso.

C.M. – E como iniciou o seu envolvimento com o PELC⁵?

¹ Universidade Estadual Paulista.

² Universidade Estadual de Campinas.

³ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

H.I. – Eu já havia ensaiado esse envolvimento há algum tempo, porque o PELC começou trabalhando em convênios pilotos que tinham ações em dez municípios, em especial que foram escolhidos para serem projetos-piloto e eu me lembro que desde aquela época já existia a possibilidade de um projeto de formação. Lembro que fui procurado uma vez pelo professor Lino⁶ para assumir uma das etapas de formação de um dos convênios, se não me engano por volta de 2005, mas na oportunidade eu não tinha disponibilidade para fazer esta formação. Mais ou menos em 2007 o Ministério⁷ abriu um processo de seleção de formadores e existia o edital publicado no site do Ministério, as pessoas ingressavam com propostas, enviavam um texto e eu participei desta seleção. Em 2007 eu participei dessa seleção e fui aprovado. Foram selecionados setenta e sete formadores na época, o esquema do trabalho de formação era um pouco diferente. O Ministério tinha uma lista de formadores e cada convênio se responsabilizava em escolher este formador e convidá-lo para fazer a formação dentro do seu convênio. Em 2007 iniciei este trabalho... Eu fiz poucas formações como formador, como éramos um grupo grande de setenta e sete então assim, alguns formadores que tinham uma trajetória maior, envolvimento maior com o programa e o conhecimento das pessoas e dos convênios tinham mais facilidade para fazer estas formações. No entanto, se eu não me engano eu fiz três ou quatro formações nesse período, trabalhei de 2007 a 2010 neste processo e em 2010 fui convidado para ir ao Ministério discutir sobre uma proposta de formação que tivesse um vínculo com a Universidade. Eu não sei se você falou só do início ou da trajetória toda.

C.M. – É... Mas eu queria que você falasse mais sobre esta primeira... Esta participação antes de 2010... Quais os temas que você trabalhava nas formações e onde você foi...

H.I. – Eu na verdade trabalhei em um convênio específico que foi o de Santarém no estado do Pará. Então, fiz várias formações nesse convênio, se não me engano três ou quatro, e como eu disse, esse envolvimento tinha a ver com a relação que tinha com as pessoas que faziam a gestão do convênio. A pessoa que fazia a gestão do convênio de Santarém tinha sido minha aluna na especialização em lazer, ela viu meu nome na lista e resolveu me convidar para iniciar o processo no município. No período de três anos se não me engano

⁵ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

⁶ Lino Castellani Filho.

⁷ Ministério do Esporte.

eu fiz... foram três formações que eu fiz neste período, então eu trabalhei especificamente neste convênio. Trabalhávamos algumas diretrizes sobre quais conteúdos trabalhar. Alguns dos conteúdos trabalhados foram: os conceitos de esporte, lazer, cultura, além de contribuir com o planejamento das atividades e as compreensões sobre políticas públicas, animação cultural. Estes temas sempre estiverem presentes na formação e continuam presentes, assim, antes da entrada da UFMG no processo, destaco que eram temáticas que já vinham sendo trabalhadas na formação do programa.

L.A. – Mas isso foi uma solicitação, uma diretriz que o Ministério colocou para vocês ou foi uma decisão sua?

H.I. – Dentro das diretrizes do Ministério a gente tinha uma proposta de formação e nessa era elencada uma série de temas que poderiam ser tratados e o formador selecionava de acordo com a visão que ele tinha sobre aquele convênio, aquele município. Essa visão era construída a partir de uma série de documentos e do contato que o formador tinha com as pessoas do convênio. O contato anterior e até posterior porque ele continuava fazendo formação lá, então ele definia daquela relação de temas, alguns temas que ele achava que era fundamental ou eram fundamentais de serem trabalhados naquele convênio específico. Então a gente tinha já uma estrutura, como se tem hoje, também tem uma estrutura de temas e aí a se faz a seleção desses temas, a partir de todo contato que temos com o convênio.

C.M. – Quem fazia essa formação? Quem estava se formando? Eram os monitores ou tinham gestores também?

H. I. – Então, basicamente nós temos os agentes sociais que são as pessoas que atuam no programa. E como agentes sociais têm desde pessoas da comunidade que não têm uma formação específica, às vezes são líderes comunitários, pessoas que têm o domínio de algum conhecimento de conteúdos culturais, até sujeitos que estão fazendo uma graduação em Educação Física, ou arte, ou turismo. Enfim... Existe uma diversidade de atores e até por isso temos uma dificuldade no trabalho, nas formações, porque às vezes você tem formação onde as pessoas já têm o conhecimento maior sobre determinadas temáticas e

outras que não têm conhecimento nenhum. Então você tem que lidar com isso. E é claro que os gestores, coordenadores são sempre convidados, inclusive os coordenadores tem que participar. Só que no processo de formação eles que organizam todo o processo, infraestrutura, almoço etc. então o que acontece? Muitas vezes eles não dão conta de estar junto com o grupo. Com relação aos gestores, nós temos gestores interessados que participam de todo o processo, mas tem uma maioria que não tem disponibilidade de tempo para estar lá em toda a formação, aparecem no começo da formação ou no final, mas não tem a disponibilidade para ficar com o grupo o tempo inteiro. Os formadores indicam que isto aconteça, mas nem sempre isto é possível.

C.M. – Como era esta formação? Quantos dias você ficava na cidade, tinha algum retorno?

L.A – Isto era uma opção do núcleo?

H.I. – Não, não, já existia o formato, posso estar enganado, a memória às vezes falha, mas quando eu comecei a trabalhar nós tínhamos um módulo introdutório de quatro dias, quatro dias de oito horas eram trinta e duas horas de trabalho. Um módulo introdutório de trinta e duas horas de trabalho e eu já comecei a trabalhar no momento em que nós dividimos... Não, não, eu comecei a trabalhar ainda quando tinha uma formação introdutória, e no final, um mês antes de acabar o convênio a gente tinha uma formação de avaliação, o módulo de avaliação. Ao longo desse processo nós fizemos uma mudança que foi a de desmembrar este módulo de avaliação em dois momentos. Entendendo que a avaliação é um processo, passamos a fazer um módulo de avaliação no meio do convênio e outro no final do convênio. Lembrando que esse convênio era um convênio de doze meses de execução, mas atualmente temos convênios com vinte e quatro meses de execução, na verdade vinte e oito de convênio e vinte e quatro de execução. Então nós conseguimos ampliar o tempo de execução dos convênios, mas num primeiro momento tínhamos doze meses: uma formação introdutória para iniciar o convênio e uma formação de avaliação para encerrar o convênio. Depois nós passamos a ter então uma formação introdutória de trinta e duas horas para iniciar, uma de dezesseis no meio do convênio, de avaliação I, que era uma avaliação do processo inclusive para corrigir alguns desvios de rota ao longo do processo e uma avaliação no final do convênio também de dezesseis horas. Hoje mudamos essa estrutura

que tem duas formações introdutórias cada uma de vinte e quatro horas, são três dias, então introdutório I antes de iniciar o convênio, o introdutório II depois de três ou quatro meses que o convênio já iniciou as atividades e depois no meio do convênio a avaliação I e no final do convênio a avaliação II. Temos quatro módulos e eles são vinte e quatro, vinte e quatro, dezesseis e dezesseis. Então são duas formações introdutórias de três dias e duas formações de avaliações de dois dias cada.

C.M. – Agora eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre a parceria do Ministério do Esporte com a UFMG.

H.I. – Comecei a esboçar um pouco sobre isso lá atrás, mas em 2010 eu fui procurado pela então secretária Rejane⁸ para conversarmos sobre a possibilidade de trazermos o processo de formação para a UFMG que passaria a ser a gestora do projeto de formação do PELC. Na oportunidade do convite, os argumentos eram dentre as universidades no Brasil que trabalhavam com o lazer nós tínhamos uma trajetória na discussão, na formação e lazer, visto algumas ações que fizemos com o SESI⁹, com o SESC¹⁰, algumas ações de EAD¹¹. Enfim, nós já tínhamos uma trajetória que culminou hoje com a abertura do programa de pós-graduação, tanto mestrado quanto doutorado em estudos do lazer. E diante disto a Rejane me chamou para uma conversa, pois ela tinha a intenção de fazer com o PELC algum próximo do que vinha sendo feito com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul no caso do PST, do Programa Segundo Tempo. Então começamos um diálogo, no final de 2009 e conseguimos fechar a proposta em 2010, mais ou menos. Em maio de 2010 o primeiro termo de cooperação foi firmado e iniciamos o processo, em maio fizemos uma seleção de formadores. No entanto, o início dos trabalhos mais efetivo da formação aconteceu em agosto de 2010. Nós selecionamos, se não me engano, vinte e um ou vinte e dois? Algo assim... Depois podemos ver os números para corrigir isso. Mas nós selecionamos este número de formadores que foram selecionados a partir de um edital público. Eram pessoas que tinham uma formação e uma intervenção ligadas não somente a área da Educação Física, mas ligadas às temáticas de esporte e lazer, pessoas que podiam

⁸ Rejane Penna Rodrigues.

⁹ Serviço Nacional da Indústria.

¹⁰ Serviço Nacional do Comércio.

¹¹ Educação a Distância.

estar vinculadas às Universidades, a órgãos públicos, muitos com vínculos com secretarias municipais ou estaduais de esporte e lazer e pessoas que tinham um conhecimento sobre as temáticas que eram especificamente trabalhadas dentro do PELC. Então fizemos esta seleção em junho e mais ou menos em julho, agosto iniciamos o trabalho com esse grupo de formadores que depois foi ampliado um pouquinho nós tivemos mais dois ou três formadores que participaram de um outro processo seletivo e entraram nesse processo mais ou menos em 2012, 2013 e hoje nós estamos com um grupo de vinte e dois, vinte e três formadores trabalham conosco.

L.A. – E o perfil do grupo que atuava junto com você de 2007, 2010 é muito diferente do perfil deste novo grupo?

H.I. – Não, não era muito diferente até porque muitos dos formadores que estão conosco eram formadores que faziam parte dos setenta e sete. Bom eu tenho uma visão particular do processo de 2007 a 2010, posso ser questionado por outras pessoas, mas a minha visão era a seguinte: nós tínhamos um grupo grande, setenta e sete formadores, não tinha formação para todo mundo, algumas pessoas faziam pelo menos uma formação por mês e outros não faziam nenhuma formação, tem colegas deste grupo dos setenta e sete que não fizeram nenhuma formação. Foram selecionados e não fizeram nenhuma formação, e na verdade as pessoas recebiam por formação que fazia diretamente dos convênios. Então o Ministério repassava o recurso para os convênios, os convênios tinham descritos estes gastos com formação e os convênios pagavam os formadores. E como eu disse é uma visão particular, que a gente tinha uma disputa muito grande entre os formadores para conseguir formação. Nós tínhamos o grupo grande com um formato de trabalho que era este, então quem conseguia formação recebia, e o que eu percebia era que a competição entre os formadores para conseguir formação era grande. Diante disso, em 2010, a gente tentou discutir um novo modelo para o trabalho com os formadores. Têm alguns limites neste modelo também, mas eu diria que pelo menos o grupo hoje, claro que um grupo menor também facilita porque o grupo fica mais coeso, mais fácil interagir. Quando éramos um grupo de setenta e sete, tínhamos grupos menores que se formavam então eu entendo esta questão, mas eu acho que um dos pontos positivos de hoje é o trabalho mais colaborativo que os formadores têm entre eles. Vocês que estão circulando pelos espaços onde as

atividades da formação estão acontecendo vão perceber que muitos formadores vão comentar isto com vocês de que a relação entre o grupo é outra hoje e o esquema que nós organizamos é o seguinte: todos recebem uma bolsa mensal e todos têm que estar disponível para fazer pelo menos uma formação no mês, às vezes um formador ou outro acaba não fazendo todo o mês, mas às vezes acaba fazendo dois em um mês, então a gente vai compensando dessa forma. E como todo mundo recebe a bolsa e todos estão trabalhando junto, os processos de competição são um pouco minimizados. Acho que hoje temos um modelo que minimizou esta estrutura e esse modelo não foi criado por mim, foi um debate junto ao Ministério, com as pessoas que estavam no Ministério naquele momento, principalmente a Rejane, Claudia Bonalume¹², que nos ajudaram a construir este modelo de organização do trabalho do formador.

C.M – Fala um pouco mais desse processo junto ao Ministério. Eles demandaram temáticas, números, metas, ou o grupo da UFMG fez a proposta? Como foi a negociação?

H.I. – Olha só, uma coisa que eu queria citar é que desde o princípio o trabalho UFMG/Ministério, sempre foi um trabalho coletivo, todas as ações, todas as atividades, tudo que a gente tem feito é sempre discutido com o Ministério. Nós sentamos, nos reunimos, às vezes até fazemos reuniões presenciais em excesso, mas com este intuito de colaboração, que acabam não sendo perdidas, elas são importantes porque a gente decide várias coisas nestas reuniões. Desde a época de Rejane, Claudia até hoje com a Andréa, Ana Elenara¹³, temos um processo de discussão e debates das ações que é coletivo e é uma parceria mesmo, então isso eu acho que é importante ressaltar. Naquele momento quando estávamos estruturando o projeto e até hoje nós temos uma dificuldade grande que é o seguinte: nunca temos claro o número de convênios que serão pagos. Então isso nos faz partir de uma estimativa, nunca sabemos exatamente o número de formações que vamos ter, o número de formadores que vamos precisar, enfim, nestes cinco anos temos trabalhado assim... Um pouco mais de cinco anos temos trabalhado com o projeto e temos dado conta, na medida do possível, fazemos termos aditivos, tiramos recursos de uma ação que não foi tão efetiva no sentido de se não tivemos tantas formações de repassar este recurso para outra atividade, então nós temos feito ajustes nesta parceria. O diálogo tem

¹² Cláudia Regina Bonalume.

nos permitido ser um pouco mais flexíveis com o planejamento, mas é claro, sempre se tem um planejamento, um projeto. Nós fizemos um projeto de 2010 a 2012, que foi encerrado em 2012, depois fizemos um outro projeto de 2012 a 2014 e fizemos um aditivo de 2014 a 2015 e agora terminamos de fazer um novo termo aditivo de julho de 2015 a julho de 2016 e estamos pensando em um novo projeto. Então todos estes projetos e aditivos são discutidos tanto com a equipe pedagógica do Ministério, que é nossa interlocução mais presente, quanto com a equipe de convênios, que têm todo o trâmite mais processual do contrato, do convênio, enfim, do termo de cooperação como é chamado. Eu sempre afirmo que esse trabalho é como uma montanha russa porque às vezes você está assim: “Não agora está mais tranquilo”, mas aí vem um monte de coisa nova, um monte de convênio, um monte de informação e às vezes as ações diminuem um pouco. O movimento depende do pagamento de convênios junto às prefeituras, do estabelecimento de convênios, enfim, de uma série de coisas que estão relacionadas a própria política pública. Nesse momento nós íamos fazer cinco reuniões regionais no Brasil, só que em função do momento atual da política, nós fomos surpreendidos com a notícia de que não poderíamos realizar essa ação, que ficará para o ano que vem - os cinco encontros regionais. Então nós estamos vivendo sempre neste processo, mas, o diálogo com o Ministério sempre tem sido efetivo no sentido de mobilizarmos o trabalho, de não desperdiçar o recurso público, então se tem feito aproveitamento de recurso, repasse para outras rubricas ou para outras ações que achamos necessário, isso tudo é discutido com o Ministério.

C.M – E sobre o modelo da formação, você já falou um pouquinho, mas como ficou a estrutura?

H. I. – O modelo atual? Então, são quatro módulos de formação: um introdutório de vinte e quatro horas antes do início dos convênios; um módulo introdutório II de vinte e quatro horas logo que iniciou; uns três ou quatro meses depois, no meio do convênio nós temos o módulo de avaliação I; ao final do convênio o módulo de avaliação II, cada um desses módulos com dezesseis horas, dois dias de realização. Em termos de temáticas nós fizemos uma discussão, no ano passado e revisamos os conteúdos, então, por exemplo: hoje o

¹³ Ana Elenara da Silva Pintos.

projeto Vida Saudável passa a ser um programa, ele era um “braço” do PELC, mas ele passa a ser um programa diferente do PELC. Na formação do Vida Saudável pouco se trabalhava questões que eram próprias da faixa etária: processo de envelhecimento, a questão das quedas, a discussão mais aprofundada sobre saúde, porque o projeto se chama Vida Saudável e a precisávamos rever qual é o entendimento de saúde. Tudo isso fez parte de um processo de revisão destes conteúdos, então hoje temos dois módulos introdutórios, que basicamente vão dar uma noção do que é o programa. Muitas vezes chegamos aos convênios e as pessoas não têm ideia de quem fez o projeto, não é quem está iniciando as ações, então você precisa mostrar qual a perspectiva do trabalho com as diretrizes, os princípios, os conceitos orientadores, enfim, esporte, lazer, cultura, política pública, tudo isso a tentamos trabalhar no módulo introdutório I. No módulo introdutório II trabalhamos aquilo que não foi possível no módulo introdutório I, ou então aquilo que se quer reforçar, às vezes mudaram os agentes, então você precisa retomar alguns conceitos, princípios, diretrizes que foram trabalhadas no módulo introdutório I. É claro que sempre nesses módulos temos tentado trabalhar o planejamento participativo, a educação popular, que são o pano de fundo para todo o trabalho que é realizado no PELC, é isso que vai dar um formato e a cara do programa. Depois nos módulos de avaliação, se faz uma avaliação, processo que é a do meio onde a gente vai tentar levantar dados com os convênios para ver como está sendo feita a avaliação, além é claro de discutir conceitos de avaliação. Tudo isso se discute com eles, mas também estratégias e formas de avaliar além de avaliar o que eles estão fazendo, mas tentamos dar subsídios para que eles possam avaliar constantemente essas ações. E no final do convênio também fazemos esse processo de avaliação, mas com uma perspectiva de discutir uma questão que é específica do PELC, que é a municipalização. A ideia é que os convênios não se apoiem no Ministério como a única possibilidade de desenvolver uma ação de esporte e lazer, mas que os convênios partam do conhecimento dessas possibilidades para que possam municipalizar essas ações e desenvolver por conta própria ações de esporte e lazer diferenciadas ou que vão além da perspectiva assistencialista, que estamos acostumados a ver. Então no último módulo se tenta trabalhar um isto, até porque há uma questão que tem no contexto da avaliação II, as pessoas vão um pouco desinteressadas porque elas acham que: “o convênio está acabando, por que eu vou fazer a avaliação?” Então tentamos chamar atenção para essas coisas e mobilizar o grupo para que reivindique a continuidade dessas ações, seja com um outro

convênio que possa ser firmado com o Ministério, seja pelo próprio município que venha a desenvolver a ação, então isso é mais ou menos o processo de formação. Nós temos os formadores espalhados pelo Brasil todo, então nós selecionamos os formadores, em geral eles realizam os quatro módulos de formação. É claro que nem sempre é possível, nós tivemos um formador que teve problemas pessoais e as formações dos convênios que ele assumiu foram realizadas por outros formadores, algumas coisas assim dificultam o acompanhamento do começo ao fim, mas temos tentado e quando isso acontece temos visto um efeito positivo, porque o formador ajuda o processo de estruturação, de realização das atividades, inclusive no meio do processo na avaliação I junto ao módulo de avaliação ele faz uma visita pedagógica, visita núcleos, conhece e reconhece o que vem acontecendo nos convênios.

L.A. – Quando acontece a municipalização o Ministério de fato para de se relacionar com este núcleo ou existe algum tipo de contato?

H. I. – Tem. Eu diria que nós não estamos ainda estruturados, o Ministério não está bem estruturado e a não temos muitos dados sobre isso para poder discutir, inclusive, tenho um doutorando que discute o tema. Está discutindo o processo de Municipalização e como acontece efetivamente. Temos algumas noções, mas o Ministério não tem acompanhado, e é algo que precisa pensar como fazer daqui para frente. Alguns trabalhos acadêmicos tem tocado um nessa questão, mas não tem se aprofundado. Por exemplo, temos notícia que do município de Ivoti no Rio Grande do Sul que lá transformaram o PELC em um programa chamado PLUG¹⁴, eles chamam até PELC/PLUG e existe uma lei municipal de financiamento do programa, enfim, temos estas experiências que sabemos do contato que se tem com gestores, com coordenadores, mas não temos um acompanhamento efetivo. Isto é algo que temos conversado no Ministério, mas não temos fôlego para trabalhar com isso, acho que as pesquisas acadêmicas talvez possam nos ajudar, primeiro nesse reconhecimento dos modelos que municipalizaram e depois como trabalhar com o tema. Tivemos agora o exemplo de Major Sales que é um município do Rio Grande do Norte. Lá o formador é o Nildo¹⁵, que é um formador que sempre acompanha este convênio e tem uma relação até afetiva com o grupo. No mês passado ele foi com o prefeito e com o

¹⁴ Programa Lazer Unindo Gerações.

coordenador do convênio para Brasília para discutirem possibilidades de financiamento para contribuir com a perspectiva de municipalização. Então o que eles fizeram? Eles estão assumindo parte das despesas do programa e o Ministério entraria com um volume de menor de recurso. O prefeito inclusive, se eu não me engano, o secretário e o prefeito discutiram a possibilidade de continuidade já com disponibilidade do município de financiar grande parte dos recursos do programa. Então veja, isso mostra um pouco que as coisas estão acontecendo, mas não sabemos efetivamente ou não temos registrado efetivamente, é algo que precisamos fazer. Hoje com a criação do Sistema Mimboé que é o sistema de monitoramento e avaliação do programa, talvez ajude, inclusive já há algumas sugestões para se acompanhar os convênios depois, mas ainda não foi implementado.

C.M. – Sobre a equipe de 2010, além de ti quem estava? Tinha alguma divisão de cargos?

H.I. – Olha, 2010 começou bem pequenininho, na verdade fazíamos somente formação em 2010, então eu vou contar toda uma história para chegar nesta coisa da equipe. Em 2010 eu era coordenador geral, nós tínhamos o Sílvio¹⁶ e a Chris¹⁷, da equipe gestora, eram coordenadores que ajudavam no processo de formação, eles faziam avaliação de programação, avaliação de relatórios de formadores. Nós tínhamos uma equipe administrativa pequena, mas tínhamos duas pessoas que faziam a supervisão de formação, hoje nós temos Karine¹⁸ e Marcília¹⁹. Tínhamos duas pessoas que foram mudando, eu lembro que nós começamos com Adriano²⁰ e Amanda²¹ e fomos mudando ao longo do processo, tínhamos a Marilene²² que trabalhava mais na perspectiva do apoio técnico junto a FUNDEP²³. E hoje a gente cresceu, já temos quatro pessoas: Marilene, Wanda, Rose, Renata e o Edi que está substituindo a Renata enquanto ela está de licença maternidade. Bom, tinha essa equipe gestora e a equipe de formadores, se eu não me engano basicamente era o que nós tínhamos. Ao longo do processo fomos ampliando as ações e a

¹⁵ José Nildo Alves Caú.

¹⁶ Sílvio Ricardo da Silva.

¹⁷ Christianne Luce Gomes.

¹⁸ Karine Barbosa.

¹⁹ Marcília Sousa Silva.

²⁰ Adriano Gonçalves da Silva.

²¹ Amanda Carolina Costa Silveira.

²² Marilene Leroy.

²³ Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa,

equipe, então hoje temos mais de cem pessoas trabalhando no projeto. E não temos só o processo de formação, falei do processo de formação presencial, mas nós não temos somente o processo de formação presencial. Hoje temos um processo de formação EAD, a distância, que é um processo aberto para o PELC e Vida Saudável, mas atende a comunidade interessada nas temáticas. Talvez vocês possam conversar isso melhor com a Elisângela²⁴ que é coordenadora do processo de Educação a Distância, que pode abordar melhor esse processo. Nós temos quatro coordenadores deste processo de EAD que trabalham com uma equipe de tutoria, com as questões administrativas, com a questão didática e com a questão dos materiais e plataforma. Começamos com oito cursos de EAD, hoje estamos com quase 15 e amanhã teremos uma reunião com mais, se eu não me engano, sete pessoas que vão construir mais sete materiais sobre temáticas diferentes. Todas essas pessoas estão sendo contratadas pelo programa, algumas com vínculo temporário, outras com vínculo efetivo ao longo do tempo, é o caso do Projeto Memória que entrou neste último aditivo. Então nós temos a EAD, projeto de Memória, num período entrou a Márcia²⁵, professora da FAFICH²⁶ da UFMG e entrou para ser a coordenadora do sistema de monitoramento. Uma consultora no sistema de monitoramento e avaliação, apesar de estarmos construindo todo um sistema de monitoramento e avaliação pelo Ministério, a Márcia está organizando o monitoramento e avaliação do programa com indicadores e relatórios gerenciais. Ela em acompanhado a construção do sistema e agora está no processo de emissão de relatórios gerenciais que nos ajudarão a avaliar e monitorar as ações do programa. Então essa ação de monitoramento e avaliação também entrou no meio do processo. Fora isso, temos realizado outras ações. A Rede CEDES²⁷, nós não somos os gestores, mas fazemos um suporte na logística das necessidades da rede. Fui chamado pela Andréa²⁸ para conversar sobre a Rede CEDES que estava com dificuldades, não tinha como fazer, o recurso não dava para sair efetivamente do Ministério para uma reunião ou outra, então ela perguntou se a gente não podia assumir essas atividades. Nós inserimos a Rede CEDES, nesta perspectiva do suporte logístico, também pela UFMG e contratamos uma consultora, a Leila Mirtes²⁹ que trabalhou com a rede no próprio

²⁴ Elisângela Chaves.

²⁵ Márcia Soares.

²⁶ Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

²⁷ Rede dos Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer.

²⁸ Andréa Nascimento Ewerton.

²⁹ Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto.

Ministério do Esporte. Nós a contratamos, então é mais uma pessoa que está trabalhando conosco. Veja, o projeto que era um projeto de formação presencial, ao longo do processo foi ampliado sobremaneira, eu diria assim. Hoje se tem um volume de recurso maior, mas também fazemos um número de ações maior, então o que a gente tem hoje em termos de pessoas e frentes de trabalho? Na formação presencial trabalhando tanto com os formadores, os articuladores regionais, outra função que foi criada ao longo deste processo temos: eu na coordenação geral, o Luciano³⁰, que assumiu o lugar do Sílvio, enquanto o Sílvio está no pós-doutorado, a Christianne e o José Alfredo, então quatro trabalhando basicamente com esse processo, material didático, revisão de conteúdos, tudo isso, apesar de eu também ser coordenador geral. Temos a ação da EAD, que temos como coordenadores a professora Maria Teresa³¹ que trabalha com a plataforma, a confecção do material didático, a professora Elisangela que trabalha com a perspectiva didática da organização de dados pedagógicos do curso, o professor Cleber³² que trabalha na perspectiva de administração da EAD, pagamentos, organização de algumas atividades, emissão de certificados e a professora Maria Cristina Rosa que trabalha como coordenadora de tutores. Nós temos vinte e seis tutores trabalhando conosco neste momento. Além disso, abaixo desta coordenação, nós temos três supervisores de tutores que são: a professora Eliene³³, professor Gustavo Cortes³⁴ e a professora Isabel³⁵. Os três trabalham como supervisores de tutoria, cada um tem um grupo de tutores que atua diretamente com eles para tirar dúvidas, enfim, organizar didaticamente como vai ser o curso. Depois da EAD temos o Projeto de Memória, coordenado pela Silvana³⁶, sub-coordenado pela Rejane³⁷ e com um grupo dos quais vocês fazem parte, de quatro ou cinco bolsistas. Além deste trabalho a consultoria da professora Márcia no sistema de monitoramento e avaliação, que é professora da FAFICH, a consultoria da professora Leila na questão da rede CEDES. Nós temos dois consultores que estão nos ajudando em um processo de intersectorialidade junto ao Ministério da Saúde porque nós fizemos um projeto piloto no final do ano passado tentando discutir a possibilidade de integração entre dois

³⁰ Luciano Pereira da Silva.

³¹ Maria Teresa Amaral.

³² Cleber Augusto Gonçalves Dias.

³³ Eliene Faria.

³⁴ Gustavo Pereira Côrtes.

³⁵ Isabel Coimbra.

³⁶ Silvana Vilodre Goellner.

³⁷ Rejane Penna Rodrigues.

programas, o Academias da Saúde do Ministério da Saúde e o PELC. Esse processo aconteceu em função de que eles têm a estrutura, mas não tem como fazer a animação desta estrutura. E nós temos uma proposta de animação deste espaço. Então nós fizemos um projeto piloto em Maracanaú, um município do Ceará, e nós temos dois consultores tentando nos ajudar nesta interface com o Ministério da Saúde, uma é a professora Danusa³⁸, da EEEFTO e o outro é o professor Silvano³⁹ que é o professor da UEL⁴⁰. Os dois têm trabalhado com esta frente para a gente tentar alavancar um processo de intersetorialidade junto ao Ministério da Saúde, que é uma outra ação que está conosco. Bom, deixa eu ver se esqueci alguma coisa. Têm algumas ações assim esporádicas que são eventos, encontros regionais, encontro de formadores, capacitação gerencial dos convênios, são alguns eventos específicos e nós temos algumas ações como produção de material didático. Nós estamos com um livro para sair pela Editora dos Autores Associados, vamos produzir um material que foi produzido na EAD, que será publicado em livro. Estamos lançando uma revista, vai ser lançada agora em dezembro, mas uma revista não com uma característica acadêmica, mais técnica e operacional para chegar aos convênios, com objetivo de que conheçam outras experiências, a trajetória do projeto, as ações e trocar estas experiências. Basicamente é isso. Então, as pessoas que estão envolvidas são essas e cada grupo destes tem os formadores, no caso da EAD os tutores, no caso da formação presencial os formadores. E nós temos um grupo que trabalha diretamente vinculado ao Ministério do Esporte, que faz a relação conosco, se não me engano, mais de dez orientadores pedagógicos, que orientam os convênios e a organização da formação. Esse grupo atua em Brasília diretamente com a Ana Elenara e com a Andréa Ewerton e mais três consultores que trabalham diretamente com a Ana na tentativa de fazer esta interlocução conosco para não ficar algo tão fragmentado. Pode depois tentar ver com a Marilene a possibilidade de passar uma lista para vocês com o nome, com a função das pessoas, com tudo que as pessoas fazem. Vocês encontrarão uma ou outra pessoa que está fazendo alguma coisa que ajuda no processo todo, por exemplo, a Juliana Viana, que trabalha auxiliando as atividades *on-line*, por exemplo, as videoconferências entre formadores, articuladores e formadores. A Juliana ajuda, faz aqueles *Hangout*, ela organiza, faz os convites, participa das atividades, enfim, não ajuda numa ação específica,

³⁸ Danusa Dias Soares.

³⁹ Silvano da Silva Coutinho.

⁴⁰ Universidade Estadual de Londrina.

auxilia em todas as ações. Então, a EAD agora vai fazer uma videoconferência com os formadores e a Juliana vai mobilizar, fazer a organização do processo. Às vezes, convidamos um pesquisador ou alguém de um convênio para falar da experiência, a Juliana faz o convite, trabalha... Então temos algumas pessoas assim, e dentro da EAD tem um grupo de pessoas que vai trabalhar com plataforma, vídeo, tratamento de imagem, estas coisas que a gente precisou inserir ao longo do processo, que está trabalhando com eles agora, mas são pessoas que trabalham de maneira mais esporádica, as outras têm trabalho mais efetivo, que acontece regularmente.

L.A. - Já que você está falando tanto da EAD, te pergunto que demanda vocês identificaram para inserir esse modo de formação e que resultados vocês têm observado a partir dele?

H.I. – Primeiro eu acho que a demanda veio de uma ideia de que a EAD talvez se possa chegar a alguns lugares que nem sempre... Isso é uma coisa... E a segunda questão é a seguinte: além do processo de formação estruturado que tem presencial, nós temos no projeto do PELC, do Vida Saudável ou dos programas, a estruturação de uma formação em serviço, só que esta formação em serviço não é de responsabilidade da UFMG e nem do Ministério, mas sim do convênio. Temos observado que os convênios, às vezes, por falta de conhecimento, por falta de tempo, por não terem uma pessoa que toque isto, acabam não fazendo a formação em serviço, ou quando fazem tratam esta formação em serviço a partir de aspectos técnicos e burocráticos. Uma reunião para resolver algum problema é considerada como formação em serviço. Apesar dos formadores trabalharem isso nas formações presenciais o que temos percebido é que a formação em serviço não tem acontecido da maneira como gostaríamos. Assim, a EAD é uma maneira de se trabalhar ou ajudar aos convênios a trabalharem com a formação em serviço, inclusive nós começamos no meio do ano passado numa perspectiva meio atropelada, pois dentro da política pública nem sempre é possível planejar com antecedência. Temos vivenciado um descompasso entre o tempo da Universidade e o da política pública. Temos que entender esse descompasso e trabalhar com isso, senão a política passa e a gente não fez nada. Então, começamos o processo de EAD em agosto do ano passado um pouco atropelado e nós não tivemos muito tempo para pensar em algumas coisas. Agora estamos começando a

qualificar as pendências, inclusive, não é obrigatório que o agente social ou que o convênio tenha número de pessoas, e estamos começando a pensar sobre esta necessidade de obrigatoriedade, de ter o número de pessoas dos convênios que façam para poder ter um público que possa vivenciar estes cursos de EAD. Ainda não fechamos isto, mas estamos trabalhando com essa questão. Então eu acho que tem duas coisas: primeiro é atingir o Brasil todo, segundo é a possibilidade de se trabalhar com a formação em serviço e eu diria uma terceira coisa também que é o seguinte: a partir da estruturação desses cursos tenho visto o que podemos trabalhar nos cursos. Inclusive fizemos uma turma piloto de gestores e vamos tentar investir um pouco mais neste foco, porque o que se percebe? Que o gargalo da política pública de esporte e lazer é a formação, o conhecimento específico que este gestor tem da área, muitas vezes porque há barganhas na escolha deste secretário de esporte e lazer, aquela história toda que a gente conhece, quem é da área, mas de qualquer maneira temos percebido que se conseguirmos mobilizar estes gestores vamos conseguir um processo de formação para os gestores que estão atuando com o esporte e o lazer no Brasil. Essa é uma outra perspectiva que está surgindo, estamos começando a fazer, mas ainda de maneira tímida até porque os cursos dão conta de atender esse público. Outra coisa que começamos a pensar na última reunião, e que estamos fazendo uma experiência aqui na UFMG, é a de tentar levar módulos deste curso para universidades, curso de Educação Física e de Gestão Pública. Nós tivemos uma turma, do Gustavo⁴¹ aqui na UFMG que vai fazer um módulo de planejamento de projetos. Ele já trabalhava com isto e achou que poderia ser interessante. Então veja, temos uma possibilidade de ultrapassar os limites do PELC e talvez ajudar na multiplicação dessa formação esporte e lazer, ou da política pública de esporte e lazer no Brasil. Então talvez tenha surgido por estas demandas, inclusive no começo acho que havia até um olhar de estranhamento dos formadores no sentido de: “Não, é para que?” “Vamos substituir?” A ideia não é substituir a formação à distância pela presencial, e sim que se tenha os dois processos e que um possa complementar o outro. Então temos tentado trabalhar com isso de uma maneira que se possa integrar os dois processos: o de formação presencial e o de formação à distância.

C.M.- E é a mesma sequência o curso?

⁴¹ Gustavo Pereira Côrtes.

H.I. – Nós começamos fazendo um curso que tinha oito módulos, quatro obrigatórios e os outros quatro a pessoa deveria optar por dois, então ela tinha que fazer esses módulos para concluir o curso. Nós identificamos algumas dificuldades para manter o aluno porque um dos grandes problemas da EAD é a evasão. Nós temos dois problemas na verdade da EAD: é aquele aluno que faz a matrícula, mas não aparece então ele não pode ser considerado como evasão porque não acessou o curso. Esse aluno fez inscrição porque estava acessível ou alguém fez para ele e depois não acessou, por isso não dá para ser considerado como evasão. Tivemos o maior abandono do curso nestes casos, das pessoas que acessaram o curso a evasão é pequena, um número muito pequeno de alunos. Temos percebido que fazer este curso de seis módulos, levavam o aluno a cursar quase um ano para concluir. A primeira turma está finalizando agora, por isso é difícil manter o aluno até o final. Às vezes o aluno tinha a intenção de estudar um determinado tópico, então o que nós resolvemos fazer? Não existe mais estrutura essa estrutura, atualmente, temos módulos que são ofertados de maneira isolada, então o aluno escolhe o módulo que quer fazer: quero fazer o módulo de avaliação, quero fazer o módulo de políticas de lazer, quero fazer o módulo de lazer, saúde e esporte, então ele opta, faz aquele módulo, recebe o certificado do módulo, quando abrir uma próxima turma se ele quiser fazer um outro módulo, ele se matricula e faz outro módulo. O aluno não pode fazer dois módulos ao mesmo tempo. A plataforma não permite isto para que ele se dedique integralmente ao curso, mas ele pode fazer todos os cursos gratuitamente. Então isso não está fechado somente para os agentes, os atores do PELC, nós temos alunos de todo o Brasil fazendo o curso, eu acompanho os fóruns e é possível perceber uma diversidade de pessoas, com visões e realidades totalmente diferentes. O que temos avaliado? um retorno sobre a qualidade do material pedagógico, tanto que ele terá publicação impressa, os alunos apontam que o material é interessante e inovador no campo do lazer, que tem uma produção pequena. Temos uma gama de material assim para o trabalho, não só no PELC, em curso de graduação, que vai ser inovador, estamos corrigindo alguns problemas de rota, mas acredito que o modelo que vai ser publicado é bem interessante. Segundo eu diria que nós temos na EAD uma dificuldade de captação do aluno que é vinculado ao PELC, então estamos tentando trabalhar com a possibilidade de obrigatoriedade de matrícula dos agentes dos convênios, mas ainda não estamos com nada definido junto ao Ministério. Há grandes possibilidades de seguirmos por estes caminhos. Terceiro: o retorno que temos tido das pessoas que tem feito o curso é

muito positivo e muitos elogios. Agora nós tivemos um problema com a plataforma que iniciamos, a e-Proinfo⁴², do Ministério da Educação. O Ministério do Esporte insistiu para que usássemos essa plataforma para fazer a interação com o Ministério da Educação, apesar de já termos experiência com a plataforma MOODLE. Começamos com a e-Proinfo em função deste diálogo com o Ministério da Educação, só que esta plataforma não nos serviu do jeito que precisávamos. A plataforma não tem tanta funcionalidade e o desenvolvimento dos cursos foram dificultados por essa questão. A partir do começo do ano estamos mudando para o Moodle, possivelmente com mais recursos, com mais interação e estamos trabalhando para que esta mudança ocorra em fevereiro. Outra coisa é que nós percebemos que estamos formando um grupo de tutores com um nível elevado para o debate e discussão, então os nossos alunos, nossos tutores tem dito isto, que para eles mais do que um trabalho, é um processo de formação que eles estão vivenciando. Os agentes sociais dos convênios que estão fazendo este curso, estão aplicando os conhecimentos obtidos nos cursos da EAD no contexto da intervenção, porque conseguem entender melhor os princípios e diretrizes dos programas, como é que se trabalha. Observamos que eles têm mais conhecimento sobre o PELC e o Vida Saudável de uma maneira ampliada, então acho que isto pode futuramente trazer um ganho no sentido da implementação das ações da política na sua prática.

C.M. – E ainda na EAD as turmas são compostas por pessoas de diferentes lugares ou a turma é mais homogênea?

H.I. – São. Temos experimentado várias coisas. Inicialmente compomos turmas heterogêneas, muito heterogêneas. Nós percebemos, por exemplo, que um líder comunitário, uma pessoa que não tem formação acadêmica, ou formação em nível de graduação, quando ele se junta com um grupo de pessoas que tem esta formação, muitas vezes acaba sendo inibido, de falar, porque não tem um volume de leitura, vocabulário, dentre outras coisas. Por isso, começamos a testar grupos mais específicos com perfis mais homogêneos. Então gestores, pessoas que não têm formação em nível de graduação e isso tem surtido mais de efeito pelo menos, é claro que quando a gente faz isto, a gente perde também a possibilidade de trocas que grupos heterogêneos poderiam ter, mas não existe

⁴² E-Proinfo – Ambiente Colaborativo de Aprendizagem.

um modelo perfeito. Temos tentado experimentar, mas é importante para a gente que as pessoas não fiquem inibidas, ficamos sensibilizados com algumas falas de agentes, então estamos tentando organizar estes grupos de uma maneira mais próxima para que também não tenham este tipo de problema.

C.M – Você teve alguma preparação específica para atuar no PELC?

H.I. – [risos] Olha a preparação foi o dia-a-dia. Eu diria que foi o dia-a-dia porque a minha formação é acadêmica, eu trabalhei com lazer, claro. Desde quando nascemos estamos construindo saber que nos ajuda a fazer qualquer tipo de trabalho, de qualquer maneira entendo que muita coisa eu aprendi no processo fazendo, no trabalho com o PELC. Então esta função que assumo hoje de coordenador geral do projeto me ensinou muita coisa principalmente em dois aspectos, no aspecto administrativo da gestão e no aspecto político. Essas duas coisas, me ajudam a orientar melhor as dissertações e teses dos meus alunos, a falar com meus alunos da graduação para sensibiliza-los porque tenho uma ideia melhor do que acontece no dia-a-dia. Venho dizendo que para trabalharmos na universidade tínhamos que ter esta possibilidade sempre, de fazer trabalhos como este, porque isto nos torna mais “pé no chão” e eu não estou dizendo que as pessoas não possam fazer pesquisa básica, que isto não seja importante, não é isto, mas no meu caso que trabalho com lazer isto foi um divisor de águas assim, eu sou um outro Helder depois que eu comecei a trabalhar com o PELC. E claro que depois que eu fui formador eu me lembro das formações que eu fiz naquele momento, assim era muito fascinante ver outras pessoas trabalhando estratégias de trabalho e metodologias. Aquelas trocas foram fundamentais, mas depois que assumi esse projeto então eu tive possibilidade de visitar muitos convênios, as coisas acontecendo eu vou participo das atividades, enfim, isto para mim me tornou um outro profissional, que se eu ficasse mais dez anos, vinte anos trabalhando aqui na universidade, fechado neste gabinete, talvez não fosse a mesma coisa. Tem horas que eu tenho vontade de explodir e dizer assim: “Eu vou jogar tudo para o alto e pronto” porque não dá, será que vale a pena? mas aí eu coloco o pé no chão, respiro fundo e falo: “Vale a pena, calma!” E eu vejo que até este processo que vivemos é um processo de construção de conhecimentos e de vivências. Hoje eu sei lidar mais com estas dificuldades interpessoais de relações do que sabia antes, eu explodia mais facilmente, hoje eu tenho calma. Da gestão pública que cada

vez mais somos exigidos a fazer parte, eu acho que isso foi um ganho para mim e eu falo: “Vou fazer um curso de gestão pública hoje!” Mas eu acho que não é isso, o caso não é este: aprendi muita coisa que eu não tinha a menor ideia, não sabia como fazer um projeto, não sabia como fazer a gestão disto... Espero que esteja indo tudo bem porque fico muito preocupado com a organização disto tudo. Leio tudo, eu vejo tudo, enfim, fico sempre preocupado com isto, mas isto tem sido um ganho efetivo na minha ação e claro da gestão pública porque nunca tinha vivenciado isto de perto, os problemas, as dificuldades, os dilemas, enfim, tudo isto e da questão política, e política tanto política partidária, política de ação pública, mas política no sentido da relação entre as pessoas também tenho tentado e aprendido com esta relação porque a gente trabalha com muita gente diferente. O resto tem sido muito efetivo, e claro, como eu falei para vocês, extrapolando isso a ação na universidade em Minas se tornou outra, eu acho que apesar de estar focado no PELC e no Vida Saudável hoje, trabalhar muito em cima disto. Acho que a minha ação é uma outra ação, eu falo que é um presente, mas não é um presente para a universidade, eu acho que é o que deveríamos fazer, estas parcerias entre estas instituições públicas que estão querendo ver melhoria na qualidade do trabalho, nas ações, então assim eu espero... Eu estou satisfeito com o trabalho que temos feito, mas claro tem muitos limites, muitas dificuldades.

C.M. – E como tem sido organizada a formação dos tutores, tem alguma ação específica?

H.I. – Temos. Na verdade os tutores trabalham com uma formação. Cada módulo novo a convidamos os especialistas do material, eles fazem uma formação com os especialistas e temos um processo que é de formação da equipe. Vocês serão convidadas para participar da formação da equipe, então eu até esqueci-me de passar o e-mail, passei ontem para o pessoal, mas já vou alertá-las de 18 a 20 de novembro vai ter a formação da equipe na UFMG. É um trabalho que vai servir mais para os formadores presenciais, mas de qualquer maneira as outras pessoas que vierem, que vão olhar a formação, vão na verdade participar, ter o contato e participar de todo o processo, então eles vão discutir os conteúdos, que estávamos falando aqui há pouco, os temas ajudarão os formadores, mas isto afeta todos os bolsistas, não somente os formadores. Nós realizamos semestralmente uma reunião da equipe toda e esta reunião tem o intuito de formação desses formadores. Outras coisas que

fazemos, de vez em quando, são alguns cursos, videoconferências. Outro dia fizemos uma videoconferência com um professor sobre educação popular, então todo mundo é convidado e quando acontece as pessoas optam participar ou não, a gente entende isto como um processo de formação desses tutores, é claro não só dos tutores, mas dos formadores e de toda a equipe que trabalha. Assim, na medida do possível temos tentado ajudar, por exemplo, agora o Ministério abriu algumas vagas para quem queria inscrição gratuita do ENAREL⁴³. Então tem algumas coisas que os recursos do projeto permitem, todo o processo é possibilitado para a formação dos bolsistas envolvidos no processo.

C.M. – Mais alguma coisa? Hélder gostaria de registrar mais alguma coisa?

H.I. – Não. Eu acho que eu fiz uma fala anterior que contemplou um pouco uma finalização, é isso que eu disse, a importância que eu vejo hoje em trabalhar com este programa, acho que tenho me dedicado bastante a ele e isto tem sido importante não só para mim, para a UFMG, para o Ministério, mas de uma maneira geral para o contexto nacional que tenhamos este tipo de parceria. A parceria com a UFMG, com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul são duas parcerias estratégicas para o Ministério e tenho lutado para que continuemos com esta parceria por um bom tempo. Claro que essas mudanças de gestão e de partido afetam a nossa ação, inclusive o olhar, mas eu não quero continuar em um programa que eu não acredite na perspectiva que vai ser trabalhada, então por enquanto eu estou satisfeito com a perspectiva temos trabalhado no PELC e com os encaminhamentos que temos dado. Sobre isso destaco novamente que o trabalho com o Ministério tem sido realizado em parceria, a Ana Elenara, Andréa e os gestores, as gestoras anteriores todas foram sempre sensíveis a este trabalho conjunto entre as instituições então isto para mim tem sido bastante profícuo. [risos]

C.M. – MUITÍSSIMO obrigada pela entrevista e pelo seu tempo.

H. I. – É isto? Então, agradeço também [risos].

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁴³ Encontro Nacional de Recreação e Lazer.